

OCCIDENTE

REVISTA ILUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Director: ANTONIO COBEIRA — Editor e Proprietario: CAEFANO ALBERTO DA SILVA — Administrador: RODRIGO DA A SILVA

Volume XXXVIII

Redacção e Administração
T. do Convento de Jesus, 4—Lisboa

30 de Janeiro de 1915

Comp. e impres. TYP. CÉSAR PILOTO
Largo de S. Roque, 11 e 12

N.º 1299

Situação - Política



Novo Ministerio. — DA ESQUERDA PARA A DIREITA: CORONEL GOULART DE MEDEIROS, VICE-ALMIRANTE XAVIER DE BRITO, CORONEL GOMES TEIXEIRA, CORONEL TEOFILLO DA TRINDADE, GENERAL PIMENTA DE CASTRO, DR. GUILHERME MOREIRA E CAPITÃO HERCULANO GALHARDO.

CRONICA OCCIDENTAL

De tempos a tempos, cáem-nos de chofre sobre a mesa da Redacção uma e outra carta de leitores e amigos varios que nos fazem ponderosas considerações e perguntas insistentes sobre a orientação politica d'esta Revista. E como nós sabemos que não são raros tambem aquelles que resistem difficilmente á tentação de nos interpelâr sobre o mesmo e sempre momentoso assunto — resolvemos agora dar, sem ambages nem subterfugios, uma resposta clara que satisfaça a curiosidade singularmente exigente d'esses espiritos. Assim esperamos que todos se dêem no momento intimamente por satisfeitos. Sobre o assunto, diremos, pois, a ultima palavra — que seria de direito a primeira. . .

todavia, cumpre-nos ter cautelosamente em prevenção os nossos leitores. A nossa declaração simples — decerto

não irá entortar o que Deus escreveu por linhas tortas, nem sequer endireitar o que o sr. Nunes da Matta escreveu por linhas direitas; infelizmente, ella não vae remediar a crise nacional de trigos, assucar e caracteres, nem suspender o gesto cordealissimo do sr. Bernardino; porventura ella não resolverá os enigmas do Universo nem modificará o plano estrategico do Kaiser. . .

A nossa declaração terá o merito de esclarecer os nossos leitores e arredondar os periodos desta cronica que se vê rigorosamente coacta.

Rigorosamente coacta!!

E' certo. Não recebemos communiado do Governo Civil. Não enviamos a nossa Revista á censura prévia. Não pende sobre nós a influencia dos politicos.

Todavia, algo limita a nossa liberdade de acção. O ridiculo dos ultimos acontecimentos chega a ser, por excessivo, excepcionalmente tragico. O destino

marcou á nossa nacionalidade neste momento uma situação tão extraordinariamente curiosa que é quasi crime de lesa-patria fazer o mais leve comentario aos acontecimentos politicos urdidos nos ultimos dias.

Não sabemos de successos genuinamente nacionaes a que a cronica possa reportar-se.

Tactica e conduta das nossas facções politicas?

Tentativa de pronunciamento militar?

A carta tragi-comica dirigida pelo sr. Presidente da Republica ao actual presidente do governo e divulgada por toda a imprensa periodica do paiz? . . .

Por tudo isto — a cronica sente-se rigorosamente coacta.

E', pois, a talho de foice que topamos com a pergunta curiosissima de varios amigos e leitores.

Orientação politica desta Revista?

Mas — *muy señores nuestros* — a resposta é clara e categorica:

Nenhuma!

A nossa Revista é um repositório pitoresco das lucubrações profundas e aturadas de todos os conselheiros e homens de letras de Portugal.

A doses calculadas propinamos aos nossos leitores de tudo o que o cerebro humano pôde segregar — crónicas, acrosticos, odes, charadas, logogrifos, e ensaios filosoficos...

Politica — é veneno demasiado violento.

Orientação literaria, orientação artistica e até orientação tipografica, possuímos nós de sobejo. Se os nossos confrades apeteçam algumas destas e mais partes, podemos enviar lh'as gratis, imediatamente, na volta do correio, franco de porte.

Orientação politica, não temos nem queremos, porquanto ela seria para nós simplesmente na actualidade — desorientação.

—A terminar esta cronica doloridamente ironica recordamos as palavras claras e belas de Miguel de Unamuno: — «Nossa consciencia nasce em frente das demais consciencias e em contraste e em consorcio com elas. O absolutamente solitario é um inconsciente; absolutamente individual é o animal, ou antes, o vegetativo, o meramente corporeo. A consciencia do individuo é social — como a consciencia dum povo. Povo que não tem consciencia internacional, sentido do seu destino e missão ante os demais povos — não tem consciencia nacional nem tão pouco sentido de patria».

Palavras escritas intencionalmente para Espanha, podem ser dirigidas aos politicos e varias gentes impoliticas da nossa Terra...

ANTONIO COBEIRA

Situação politica

A nossa situação politica é extraordinariamente curiosa e melindrosissima. Em meio da grande guerra que avassala a Europa inteira nós mantemo-nos n'uma situação dubia, incapazes duma attitude nobre e duma resolução energeticamente determinada. Já não rememoramos essa confusa tentativa dum pronunciamento militar que teve como consequencia imediata a queda do ministerio Victor Hugo Azevedo Coutinho. Imediatamente o sr. Presidente da Republica escreveu ao sr. Pimenta de Castro a célebre carta, tão divulgada pela imprensa, e que nós nos abtemos de comentar. O sr. Pimenta de Castro foi encarregado de organizar gabinete; — a principio, titular de todas as pastas, dia a dia as foi distribuindo de tal modo que hoje está assim constituído o ministerio:

Presidencia, guerra e interino dos estrangeiros, general Pimenta de Castro.

Interior, coronel Gomes Teixeira, inventor do torpedo fixo.

Justiça, dr. Guilherme Moreira, reitor da Universidade de Coimbra.

Finanças o sr. Herculano Jorge Galhardo, capitão de engenharia.

Marinha, vice-almirante Xavier de Brito, Fomento, dr. Nunes da Ponte.

Colonias, coronel Teofiló Trindade.

Instrução publica, coronel de artilharia Manuel Goulart de Medeiros, que foi vice-presidente do Senado.

O general sr. Joaquim Pereira Pimenta de Castro, é actualmente o decano dos officiaes do exercito em serviço activo.

Engenheiro distinto tem desempenhado innumeras comissões de serviço publico, onde sempre se evidenciou pela sua intelligencia e actividade.

O general sr. Pimenta de Castro foi o primeiro ministro da guerra do gabinete presidido pelo sr. João Chagas, gerindo a pasta durante um mez.

O coronel sr. Pedro Gomes Teixeira que pertence á arma de engenharia, assumiu a gerencia da pasta do interior: tem-se notabilizado por trabalhos scientificos de muito valor, que lhe mereceram as mais lisongeiras referencias.

O sr. dr. Guilherme Alves Moreira, actual ministro da Justiça, é um jurisconsulto muito distinto, professor muito considerado, e exerceu ultimamente o cargo de reitor da Universidade de Coimbra.

O sr. Herculano Jorge Galhardo, que foi agora nomeado ministro das finanças, fez um curso muito brilhante, obtendo sempre as primeiras classificações.

O vice-almirante sr. José Joaquim Xavier de Brito, official muito distinto, que tem uma larga folha de serviços desempenhados na metropole e nas colonias, exerceu ultimamente o cargo de major general da armada, corporação onde conta muitas simpatias pela integridade do seu caracter e pela energia de que acompanha sempre os seus actos.

O sr. dr. Nunes da Ponte, antigo governador civil do Porto, a quem foi confiada a pasta do fomento, é um medico distinto, muito considerado na capital do norte, á qual tem prestado assinalados serviços, e um velho republicano.

O coronel sr. Teofiló José da Trindade, novo ministro das colonias é um engenheiro distinto, official muito illustrado, militar austero e disciplinador, tendo-se salientado sempre brilhantemente nas varias comissões de serviço publico que lhe tem sido confiadas.

O sr. Manuel Goulart de Medeiros, novo ministro de instrução publica, é coronel de artilharia, e comandante do regimento n.º 4 de Amaranthe, sendo muito considerado pelos seus camaradas, especialmente daquella arma.

Está pois organizado um ministerio de acalção Oxalá, elle corresponda ás esperanças que nele parece pôr este quase desalentado paiz.

Poemas em prosa

A Rua

(A memoria de Fialho d'Almeida)

Comprida e ingreme como uma enorme serpente que se desenrosca e sóbe, formando côlos, a minha rua rasga se em plena Avenida formando uma grande ladeira debruada de velhas casarias que conduz directamente á actual praça do Brazil.

E' uma rua antiga, veneranda, de velhas tradições burguesas, e que outr'ora, nos tempos aureos do antigo Circo Price e das meninas cloróticas do Passeio Publico gosava da justa reputação duma arteria pacata e grave da capital Lisboa.

Hoje, graças ao progresso e á civilização, a fisionomia do velho burgo transformou-se e a sua existencia socegada e monotona d'outras eras é perturbada pelos automoveis que lhe rasgam os flancos, ensurdecêdores e poeirentos, e pelas nuvens de garotos que parecem brotar do sólo, engalinhados, sujos, repelentes, trasendo nos involuntariamente á memoria Herodes e a degolação dos santos innocentes...

Vista de noite, á luz dubia dos reverberos, economicamente graduada pela Companhia fornecedora o seu aspecto modifica-se e a velha rua silenciosa e ingreme parece mergulhar no somno, incitando assim os seus moradores a fazer o mesmo...

As lojas iluminadas projectam nos passeios largas manchas brancas de luz com efeitos fantasticos de lanterna magica.

Mesmo em frente da minha habitação ha uma casa de saúde, uma botica, um botequim e um padeiro.

Na casa de saude os doentes revelam se, palidos e soffredores, com tam-

pões nos ouvidos e narinas, a prevenir as hemorragias derivadas de operações recentes.

Na farmácia alguns moradores do sitio reúnem-se em cavaqueira amena e as suas gargalhadas estrugem por vezes, espontaneas e homericas, emquanto no andar de cima ha gritos de dôr e convulsões de chôro.

No botequim de paredes pintalgadas e em cuja porta um globo branco se incendia, come-se e bebe-se, faz-se pela vida.

Na padaria o forno acêso flameja, com um forte cheiro a pinho ardido e os moços, em camisola, estremunhados e descalços, atravessam a rua, de vez em quando, em demanda do deposito da farinha e do domicilio que ficam situados nos baixos da minha moradia.

A vizinhança recatada e pacata mal assoma durante o dia ao peitoril das sacadas, e ha mesmo um predio de apparencia austera, em que as janelas hermeticamente fechadas aos raios solares se abrem apenas ao luxo fusco para uma aparição rapida dos moradores, e respectiva provisão de ar por eles feita para vinte e quatro horas.

Junto a uma janela baixa onde se recosta uma languida Julieta de bandós vê-se a vaga silhueta dum pequenino Romeu de calças arregaçadas que diz coisas ternas e maviosas ao som das guitarradas que estrugem na taberna proxima.

Oh a poesia das noites luarentas na velha rua corcovada e deserta!

Batem as duas da madrugada e a carroça da Camara passa, parando a cada sargenta que os moços vasculham e lavam a baldes d'agoa.

E é por veses o unico ruido que se ouve na grande rua adormecida: o raste ar monotono das vassouras e o chiar das rodas da carroça, posta de novo em andamento...

Depois, mal rompe a manhã o scenario modifica-se; a mutação é completa.

A rua desperta, vive, torna-se bulhenta e garrida como uma mulher bonita.

Os estabelecimentos abrem-se de par em par e os olhos das janelas espreitam, curiosamente, pelas suas orbitas vazias, que um raio de sol ilumina e aquece.

Os vendilhões ambulantes cortam os ares com os seus pregões variados, desde o pequeno *gavroche*, vendedor de gasetas, á varina guápa, de perna alva e roliça, que passa, bamboleando as ancas e gritando a *vvinha da costa* aos moradores estremunhados...

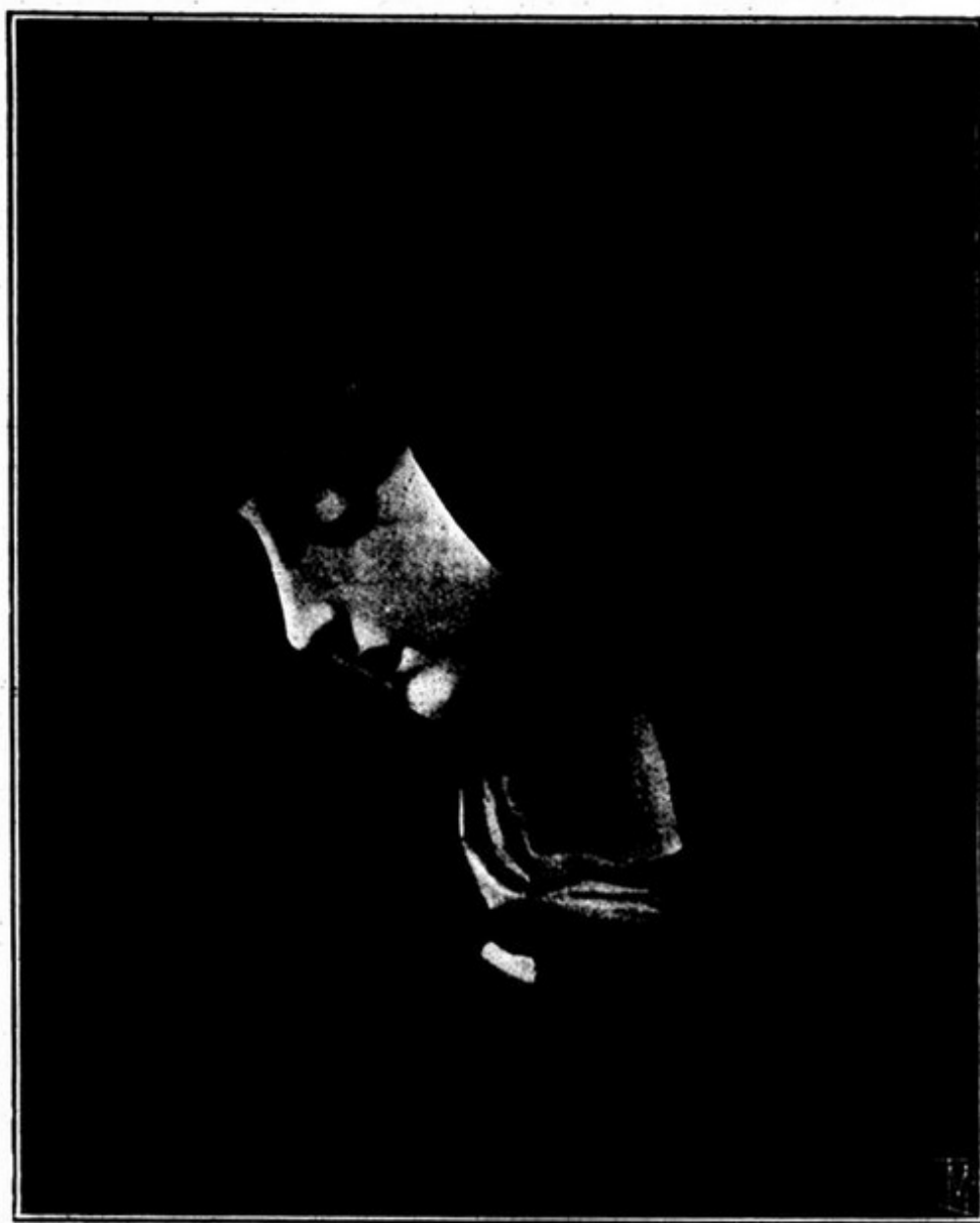
Cerrada a gelosia da poetica Julieta, Romeu recolhido a penates, emudecidas as guitarradas da taberna proxima, o rincão onde habito toma agora o aspecto pratico e prosaico que lhe imprime o povo trabalhador, descendo ou subindo a ingreme ladeira, na eterna labuta de todos os dias.

Ouve-se o bater de tapetes nas sacadas.

E da Avenida vasta e coalhada de arvores, em que se destaca, lá em baixo o obelisco de pedra enegrecido pelo tempo, vem um ar novo, vivificante, acariciador, que dá ao velho burgo um tom de mocidade e frescura todo primaveril.

EDUARDO PACHECO

AGNEZ DOLCI



JOVEN MADONNA

(Coleção Moreira Freire)

VAIDADE E ORGULHO

A Antonio, Cobeira, primoroso
chronista e delicado Poeta, asseve-
rando-lhe a minha admiração.



ue me importa, mulher, essa vaidade,
— Vaidosa por ser's linda simplesmente! —
Se na expressão altiva d'insolente
Te divisamos risos de maldade!...

Sentisse, embora, em mim a tempestade
No orco da paixão, incandescente,
Não desfilava o meu olhar pungente
Do teu olhar inquieto d'anciedade.

Valho mais do que tu: — tenho um orgulho
Que brotou e cresceu do meu valor,
E não faço, bem vêes, nenhum barulho.

Orgulho, pôde te-lo a violeta!...
Vaidade, a rosa linda sem olo! —
Tu és, assim, a rosa; eu sou poeta;

Janeiro, de 1915

JULIO RIBEIRO

Inqueritos á Vida Mental Portuguêsa

I

Resolvemos promover nesta Revista uma série interessantíssima de Inqueritos que têm por fim elucidar cuidadosamente e proveitosamente o estado mental do nosso paiz e correntes intellectuaes novas que o possam orientar. O primeiro inquerito exercer-se-ha sobre o Estado actual do Ensino em Portugal.

O mobil que nos levou a dirigir este inquerito, foi a boa-vontade de tentar resolver convenientemente o magno e complexo problema do Ensino em Portugal. Instrução é ainda hoje e sempre o grande problema: resolvel-o, é dar uma orientação nova e melhores dias a uma nacionalidade. Meramente, como tentativa, assim mesmo o nosso Inquerito merecerá indubitavelmente a simpatia e o concurso de todos aqueles que sabem dedicar á Patria um alto sentimento de nobreza e fé. Por isso, pedimos a autorisada opinião de todos os nossos leitores que a assuntos de pedagogia ligaram um dia a sua atenção, nomeadamente professores de ensino primario, secundario e industrial ou profissional e lentes de Escolas Superiores.

Estado actual do Ensino em Portugal:

- a) Resultados obtidos pelas ultimas Reformas do Ensino Publico em Portugal, — quer sob o ponto-de-vista do exercicio do Magisterio, quer consideradas propriamente no seu valor pedagogico ;
- b) Critica da legislação vigente em cada um dos varios ramos do Ensino Oficial :

Ensino Primario,
Ensino Secundario,
Ensino Superior,
Ensino técnico ou profissional

- c) Modificações a fazer aos programas e regulamentos dos nossos Estabelecimentos de Ensino.

As pessoas que respondem a este Inquerito, poderão reportar se ao ramo de Ensino que lhes interesse immediatamente — e referir-se, em geral ou em especial, á obra dos Legisladores do Ensino-Publico em Portugal.

Todos os comunicados recebidos serão publicados nas primeiras paginas desta revista — «Occidente» — de modo que tenham a maxima publicidade em Portugal, Ilhas Adjacentes e territorios do Ultramar.

Correspondências dirigidas á sede da Redacção e administração desta Revista



Espirito da Renascença

O conceito attribuido á palavra *Renascença*, deriva naturalmente da interpretação que fôr dada ao periodo medieval.

A diversidade de aspectos e criterios por que tem sido estudada esta época histórica e as prevenções com que cada qual se propõe resolver o problema, têm hoje uma sintese definitiva.

A Igreja reivindica para ella a gloria de ter sido quinze séculos, o mais forte e quasi o único elemento de coordenação social.

O Feudalismo foi pedir á disciplina dos seus preceitos a força de coesão que tornou possível então a jerarquia territorial, e por ella, a garantia dos interesses legitimos, a estabilização da familia, a ordem nas classes.

Foi a sombra dos santuários e mosteiros que se guardaram os pergaminhos de nobreza da sabedoria antiga, começaram a viver as universidades e se alimentou de motivos fecundos a Arte religiosa, no Oriente e no Occidente.

A continuidade da sua tradição de governo, devemos o traço de união do mundo antigo para o moderno.

Mas o que importa mais saber, neste caso particular, é se, para além e fóra da sua influencia, inegavelmente primordial, outro espirito, diversa doutrina e tendencias contrarias não persistiram, sem interrupção, até ao tempo da Renascença.

Do valor de esses elementos depende em grande parte, o ultimo juizo a pronunciar acerca da época seguinte que seria rigorosamente a herdeira e continuadora da civilização medievá, no dominio da intelligencia, se um factor novo

não inutilizasse a tendencia particularista que se viera afirmando.

A historia do Feudalismo e da Igreja é a historia da Idade-Media: uma luta permanente de dissociação.

Não resistiu a organização feudal á força crescente das comunas, localizando, particularizando interesses materiais e morais.

O artifice torna-se burguês, sempre que pode erguer o seu esforço e pelo trabalho individual garantir a sua autonomia, ou seja a sua personalidade economica juridica.

Na Igreja, desde as idades apostolicas, vinha o Dogma lutando com a Heresia.

São os Gnósticos que ressuscitam o *emanatismo*, os Maniqueos a renovar o *dualismo* oriental.

A doutrina estoica apaixona Novaciano, Ario rebela-se em nome do platonismo alexandrino, e nos proprios fundamentos da Redenção, a unidade da Igreja é ferida profundamente pelos Pelagianos, no decurso do século V.

Ao dominio da consciencia era oportuno e muito necessario ao Papado juntar o prestigio da riqueza material, em obediencia ao aforismo corrente: nenhum senhor sem terra. A posse da terra era de facto, a soberania.

Originava-se assim o poder temporal dos papas e os Estados Pontificios estavam na lógica da época.

Por isso Carlos Magno intervinha para os sancionar e recebia como recompensa, a coroa de Imperador Romano das mãos de Leão III (800), facto que estabelecia a confusão dos dois poderes.

No século XI, aquilo que fóra uma cerimonia na Basilica de San Pedro, era já um direito politico que daria lugar ao duelo formidavel das *investiduras*, entre Gregorio VII e Henrique IV.

E as palavras do Pontifice moribundo ⁽¹⁾ são um clamor de descrença amarga, e até uma censura a Deus que o deixou ficar vencido.

A vida externa da Igreja contradizia normalmente a letra dos preceitos: a sociedade civil era activa, repartindo-se pela guerra, pelo torneio e pela caça; tambem a comunidade religiosa formaria as suas milicias com as ordens equestres — hospitaleiros, templários e teutonicos, a que as Cruzadas só aparentemente davam justificação.

O ascetismo, aconselhado nas homilias dos Santos Padres, não seduzia muito os espiritos, e no tumulto dos egoismos, de quando em quando, algum Santo Reformador se alevantava, propondo regras de vida perfeita que o embate dos interesses e as tentações seculares em breve ultrajavam sem respeito.

E a cadeia da insurreição, como uma hidra indomavel, continua se nos Cátaros, erguidos pela pureza dos costumes; nos Albigenses, pactuados do inferno, para cujo exterminio é necessaria uma cruzada e o instituto da Inquisição, saída do Concilio de Tolosa (1209).

No proprio seio da Italia onde a rebeldia nunca perdera a tradição, era preciso iludir o espirito profético de Joachim de Flora, querido de Dante que o

⁽¹⁾ *Dilexi justitiam, et odi iniquitatem, propterea morior in exilio.*

coloca no Paraiso (2), e condenar severamente o *Evaagelho Eterno* dos *Fratricelli*, até ao tempo em que Roma, poderosa, manda pelo Concilio de Constança exumar e profanar os ossos de Wicleff, e em vez da defesa doutrinaria, como nos dias gloriosos de Santo Agostinho e San Bernardo, entrega condemnados ao braço civil, Jerónimo de Praga e João Huss e excomunga Savonarola que os Medicis, em nome da razão de estado, mandam enforcar, queimar e lançar no Arno.

Os concilios de Constança e Basileia são uma advertencia eloquente: a dissociação era cada vez maior.

E perdida a esperança da Monarquia Universal, o pensamento de Roma é salvar o que lhe resta — a soberania espiritual, dando ao Pontifice a feição imperialista que se definiria em Trento, um seculo depois.

Ao terminar o seculo XV, a disciplina religiosa substituiu-se a coordenação politica, expressa na unidade do poder, realizada quasi simultaneamente nos diversos estados.

Franquias locais, espirito comunalista e municipal, privilegios, honras, tudo foi sacrificado á tendencia do poder

peçoal do Monarca, que a Renascença consagrou em Espanha nos Reis Católicos, França em Luis XI, em Maximiliano I na Alemanha, nos Sforza de Milão e em Dom João II de Portugal, embora juridicamente só D. Manuel lhe desse realização, com a reforma dos forais.

A Sciencia medieval metodizava-se no *trivium* e *quadrivium* e nesta base de conhecimentos assentava a cultura superior da Teologia, da Medicina e do Direito, sob os auspicios da Igreja, por intermedio dos monjes.

Mas no Ocidente, eram os Arabes os maiores cultores das sciencias exactas e da filosofia grega, quando o *metodo* de Bacon que a admiração do tempo crismara de *Doctor Mirabilis*, ainda parecia um sonho de visionario á intelligencia ortodoxa.

De quando em quando, o espirito humano subia mais alto, quebrando as ultimas amarras da disciplina e esses revoltados de genio, ora se chamavam Arnaldo de Brescia, ora Frei Gil de Santarem.

A piedade d'esses seculos vê nestes iluminados, as vitimas do espirito do mal e procura se sanear a atmosfera da crença, lançando-os ao fogo purificador. Não que a Igreja fôsse intolerante por

sistema: basta para o provar a liberdade dos trovadores e jograis e os traços de obscenidade que se eternizaram nas construções religiosas.

A perseguição é um movimento de defesa, defesa politica, no entanto, em nome da ordem e da salvação publica.

Se passarmos hoje deante de uma galeria de primitivos ou examinarmos um fresco dentro de uma catedral, ao primeiro aspecto dominamos a piedade que fez de uma combinação de côres uma prece, exprimindo um acto de fé colectiva.

A catedral é a mais alta expressão do espirito religioso e da actividade estetica da Idade-Media: nela concorrem e se integram, subordinados á arquitectura, todas as outras artes, do mesmo modo que á Teologia as outras sciencias serviam, *tanquam ancillae et ministræ*.

Na Catedral e no Castelo se resume a civilização medieval — artistas e monjes, cavaleiros e trovadores, nestas quatro categorias se contém todos os elementos de intelligencia e acção que dominaram esse periodo de dez seculos.

(Do livro recém-publicado «Sentido do Humanismo».)

HYPOLITO RAPOSO

(2) Gebhart, *L'Italie Mystique*, pag. 49.



O TENENTE-CORONEL, SR SOUSA ROSA FALANDO COM OS OFICIAES DE LANCEIROS 2, NA CALÇADA DA AJUDA, EM FRENTE DE CAVALARIA 4.



OS OFICIAES DE CAVALARIA 4 E LANCEIROS 2, PRESOS NO REBOCADOR QUE OS CONDUZIO Á FRAGATA «D. FERNANDO».

Ultimos acontecimentos. — Realisaram-se, ha dias, em Lisboa, acontecimentos que podiam ter consequencias lamentabilissimas. A grande maioria dos officiaes da guarnição de Lisboa pronunciou-se energeticamente contra o governo Hugo Coutinho, que transferira da Figueira da Foz para uma outra cidade da provincia, o sr. Craveiro Lopes, official, estimado pelos seus camaradas.

O governo procedeu imediatamente com energia que não alcançou os efeitos desejados.

CONFLAGRAÇÃO EUROPEIA

PELO MUNDO FÓRA

Tem sido muito commentada a demissão do *conde de Berchtold*, ministro dos estrangeiros austro-hungaro. Vê se que a situação da Austria é muito critica. Aquelle estadista consultou a opinião do governo allemão sobre a conveniencia de se ajustar uma paz honrosa, respeitando a Austria a integridade da Servia e sedendo á Russia a Galicia oriental com *Lemberg*.

O governo de Berlim respondeu que

a Allemanha faria a paz de bom grado evacuando a Belgica, a Polonia e os departamentos francêses. se lhe não pedissem nem territorios seus nem indemnização de guerra; mas que não considerava opportuno que se comesçassem ainda as negociações, porque os alliados poderiam crer que a Allemanha se confessava vencida.

Quanto á Turquia, a Austria e Allemanha accordavam em que lhe era impossivel evitar o seu desmembramento, e decidiram abandoná-la á sua sorte.

Berchtold, em vista d'isso, fêz ver ao *imperador Francisco José* que o imperio austro hungaro deveria pedir a paz separadamente, pois que a sua situação interna era muito má. Aconselhado pelo *conde de Tisza*, presidente do ministerio hungaro, e pelos elementos germanicos, o imperador Francisco José não acceitou o alvitre de Berchtold, que entendeu pedir a demissão.

A Austria effectivamente apresenta-se seriamente comprometida. receando-se um proximo esphacelamento.

Ella teve que recuar deante dos russos, que lhe occuparam duas provincias: — a *Galicia* e a *Bukovina*. O exercito do czar occupa os *Carpathos* e prepara a invasão da *Hungria*. Alem disto surgem mais dois inimigos: a *Italia* a sudoeste e a *Rumania* a sueste, ambas as nações com o proposito declarado de destacar da monarchia austro hungara os povos que lhes estão ligados pelo sangue. O perigo é grande.

A inquietação augmenta, perante as ideias separatistas das nacionalidades.

O exercito austro hungaro, já muito arrasado, não pode fazer frente a tantos inimigos. A Allemanha, para provar o seu zelo de aliada, outalvez para vigiar mais de perto o que se passa mandou tropas para a fronteira Servia e para a *Trentin*. Mas esse reforço não basta.

D'ahi a ideia de paz, a qual poria a Austria ao abrigo dos ataques italianos e rumenos, e seria hoje menos onerosa que d'aqui a alguns meses.

Suppõe se que a sahida do conde de *Berchtold* venha a ser o ponto de partida d'essa tão ambicionada paz. O seu



Terremotos na Italia — PANORAMA DE NUCERA-UMBRA, ONDE ULTIMAMENTE ALASTROU UM TERREMOTO VIOLENTO

principalmente á invernia que paralisa a acção dos exercitos.

A verdadeira guerra, dizem no os ingleses só começará em Maio!

Santo Deus! Até onde irá esta tremenda carnificina! Três milhões de homens perdidos até agora! Eis o que nos dizem os jornaes. Por este andar onde iremos com tantas mortes! E a miseria, a carestia dos generos, de tudo! Por toda a parte se elevam os preços dos productos alimenticios, das materias primas, a vida torna-se cada vez mais difficil.

Suppoz se a principio que a guerra seria de curta duração. atendendo ao concurso do armamento moderno, que

ainda não esmagou nenhum dos contendores. Os efeitos economicos e financeiros esperados não atingiram a gravidade que se esperava, dada a força das esquadras aliadas para bloquearem os portos alemães.

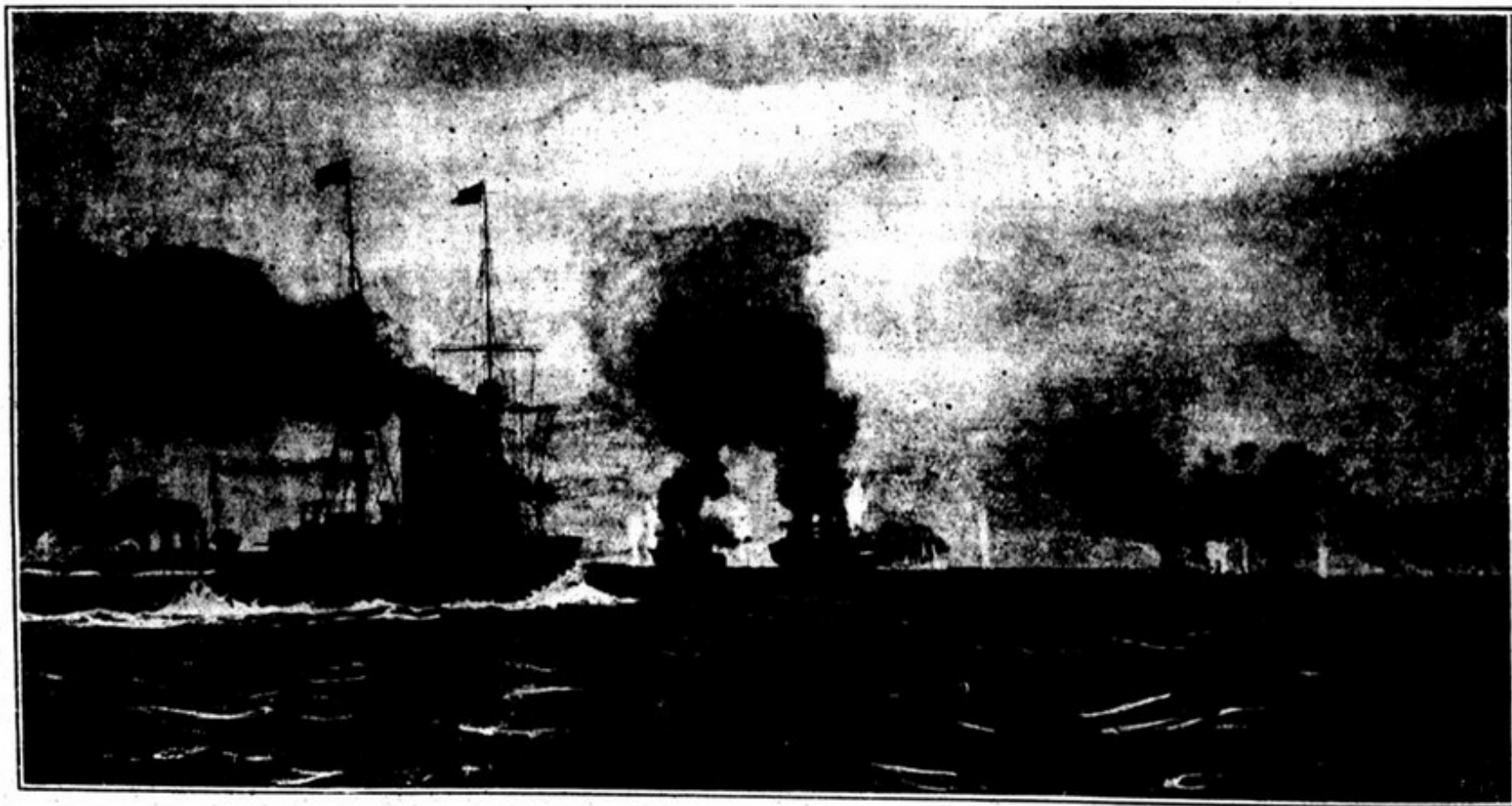
A Alemanha, embora senhora de quasi toda a Belgica e de uma dezena de departamentos da França, não está victoriosa; pelo contrario, os aliados resistem corajosamente as investidas germanicas e ganham terreno.

De esperar é que os aliados passem da defensiva á offensiva. com a entrada de outras potencias na luta, a Rumania, a Italia e a Grecia inclinar-se-hão nesse sentido, quer a Bulgaria marche sobre os turcos, quer se mantenha neutra.

Antevê se o subjugamento fulminante da Austria e da Turquia, continuando a Alemanha a combater sem esperanza, até ao seu completo aniquilamento, que se daria em plena primavera...

Entretanto a Alemanha arma se cada vez mais e fortifica os pontos conquistados, mostrando se disposta a defendê-los com unhas e dentes.

O professor alemão Hermann Lasch,



PRIMEIRA ETAPA DA ACÇÃO TRAVADA ENTRE OS CRUZADORES DE COMBATE BRITANICOS (*Glasgow, Kent, Invincible, etc.*) E CRUZADORES ARMADOS ALEMÃES — (*Gneisenau, Nürnberg, Leipzig, etc.*)

successor, o barão *Burian de Rajetz*; foi ministro das finanças do gabinete *Tisza*, tendo sahido em 1912, anno em que o conde de *Berchtold* foi accupar o lugar que agora abandonou.

As ideias de paz, que surgem por vezes, são rapidamente abafadas pelas noticias das tremendas luctas cujo fim decerto está ainda bem longe, devido prin-

a sciencia puzera á disposição dos exercitos em luta e em vista tambem das difficuldades financeiras e economicas que deveriam resultar da propria conflagração tanto para os beligerantes como para os neutros.

Os factos porém não confirmaram a theoria. Apesar das perdas de vidas e de materiaes serem inumeras, a destruição

num livro recente, fala da creação de uma *união dos Estados da Europa Central*, e, no capitulo relativo ao territorio belga, diz: — «As torrentes de sangue alemão vertido no solo belga exigem uma vingança. Nenhum chanceller, nem o imperador Guilherme em pessoa, poderão convencer o povo alemão de que a Belgica ha-de ser, depois da guerra, o

que teria sido ao deixar a passagem livre ao exercito alemão pelo seu territorio.

Sob o ponto de vista de segurança, não só toda a costa belga, mas também todas as praças fortificadas do paiz, e em primeiro lugar Liége, devem ficar em mãos de alemães. Todo o territorio belga fará parte do bloco economico da Europa central. Nem Antuerpia, nem Zeebrugge serão portos livres. Como a Belgica não constituirá já um territorio especial com alfandegas, resultará que este reino não poderá ter representação politica nos paizes que se encontram fora do bloco economico da Europa central.

Todos os Caminhos de Ferro belgas e a administração dos correios e telegraphos devem ir para as mãos da Alemanha.

O Banco Nacional belga fechar-se-ha.

Dez aviões allemães lançaram muitas bombas sobre *Dunkerque* ocasionando algumas mortes e frimentos graves.

Dos feitos allemães por via aerea cita-se como mais serio o *raid de Zeppelins a Iarmouth* e outros pontos da costa oriental inglesa.

Apezar da nevia e dos aguaceiros os aviões allemães puderam lançar bombas que ocasionaram bastantes prejuizos, além de cinco mortos e dez feridos, em *Iarmouth e King's Lynn*. O bombardeamento alemão deu-se de noite, á hora em que os teatros estavam apinhados. O efeito produzido em Londres foi enorme.

Os Zeppelins passaram sobre a residência real de *Sandringham*, onde lançaram algumas bombas. Os soberanos tinham partido no dia anterior.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.

Nas ruas, curiosos trocavam boátos: ataque de submarinos a Dover e um «raid» breve, audaciôso, á Capital. Sabia-se; fôra apanhado um espião, havia pouco... Nos Ministerios tremiam luzes, e áquella hora os chefes—campiões encanecidos em cem combates, heroes da India e do Transvaal—decerto corriam aos telephones, dando ordens...

Entretanto augmentava o singular rumor.

Nas «squares» e avenidas, já mais raros, escoavam-se os «ultimos» boateiros. Ia tudo refugiar-se nas caves, enquanto os soldados de Sua Graciosa Magestade cumpriram o seu devêr.

De repente, manchas négras turvaram a claridade. Dir-se-hiam morcêgos, tontos de somno, volteando e descendo, as enormes membranas estendidas. Lá no alto, quasi a perdêr de vista, pairavam



POSIÇÃO TOMADA E RETOMADA QUATRO VEZES. — LABIRINTOS DE ARAME USADOS TANTO POR FRANCEZES COMO POR ALLEMÃES. — CONQUISTA DEFINITIVA DE CHAMBRE, NAS VISINHANÇAS DE VERDUM, PELOS FRANCEZES.

e o systema monetario allemão é que vigorara no paiz.

O que fica dito não resolve de todo o problema sobre o futuro da Belgica, mas com a situação economica creada ali pouco importa saber se continuará existindo como Estado e por que forma.»

Em Berlim resolveu-se praticamente o problema dos prisioneiros de guerra, franceses e russos, os quaes foram empregados em construcções de caminhos de ferro e em obras de rios. Nada menos de dez mil foram ajudar a colheita de batata.

Os turcos continuam a ser derrotados no Caucaso. Os alliados avançaram em toda a linha de combate, excepto a este de Soissons, onde perderam 1800 metros.

A esquadra japonesa occupou algumas possessões allemãs no Pacifico.

Novos contingentes anglo-indios desembarcam em França, os ingleses repuliram um violento ataque dos allemães a *Fashubert*.

«Da Grande Guerra»

O pesadelo.

À volta da meia noite, pela hora dos bruxêdos, Londres estremunhada, acordara em sobresalto.

Da Cathedral, da Bibliotheca, dos Museus, do Parlamento, das Estações Monumentaes, dos Campanários, dezenas de reflectôres lançavam no espaço nevoento grandes caudales de luz...

Um rumor vago, longinquo, despertara a Cidade.

Ninguém sabia o que era, mas já todos presentiam uma desgraça imminente. Vinha da banda do mar esse rumor confuso—um batêr d'azas monótono, lento e lento, avançando...

A anciedade crescia; o olhar febril dos holophôtes, excitado e desperto, rasgava clareiras no céu, duma brancura ideal.

Assomavam ás janellas, para logo se recolhêrem, timidas, somnolentas cabeças de *babies*.

massas escúras, fluctuando e nadando á maneira dos cetáceos.

Já não podia haver duvidas: eram os Boches, os Allemães!

Peor que uma chuva de gafanhotos, uma esquadilha de *zeppelins* e *super-zeppelins*, de *aviatiks* e de *taubeu* pairava sobre Londres, a respeitavel altura.

Abriu o fogo uma magestosa aeronave: duzentos kilos de explosivo em duas bombas, foram atirados da barquinha, serenamente, como *bouquets* de flôres. Um estampido formidavel, cujo echo se perdeu a distancia, levado pelo Tamisa. Depois, um silencio pesado, que durou o tempo dum segundo. Depois, um chuveiro de granadas em tórno da esquadilha, como em dia de festa uma salva real de fogo de artificio. Depois ainda, mais cem bombas e mais cem granadas...

Já se erguiam da terra columnas de fumo, gigantêscos thuribulos, incensando em homenagem á hecatombe de Moloch. Também no espaço um imprudente avia-

dôr, cabriolando e descendo para atingir mais a vontade o seu alvo, pagara com a vida o arriscado da empresa.

Uma explosão no maquinismo envolveu-o de chamas; lá se precipitou, em contorsões horríveis, suffocado, ensanguentado, carbonisado...

Prometia durar o combate nocturno.

O céu reboava intensamente, como se o percorresse um cataclismo sem nome. O solo, era um tremor, chagado de explosivos.

Febrilmente, raivosamente, faiscava no alto o olhar dos holophotes...

A branca luz electrica tinha reflexos vermelhos, parecendo como borrifada de sangue.

Já não se distinguia o ruído dos motores, o estalar da fuzilaria, a conflagração das bombas, o explodir das granadas, as imprecações, o uivar de desespero, os gritos de impotencia ou de victoria—tudo se confundiu num vozear immenso...

Num instante os pharões apagaram-se. Uma treva pesada cahiria sobre a City, se não fôsem lá em baixo as linguas de fogo, agitando-se por entre a fumarola.

Não tardou a crepitar e a accendêr-se o primeiro brazido; então, dos *aviatisk* e dos *tauben*, dos *zeppelin*s e *super zeppelin*s, do nevoeiro e do incendio, das proprias entranhas da terra e dos confins do ar, retumbou um só grito, de paixão e desafio,—triumphante, unisono, infernal:

Deutschland uber alles...

O «splendid isolement» findara!

O Capitão N. contou-me ha pouco este sonho. Apesar de toda a fleugma britannica, o meu bom amigo não podia esquecer a desolada impressão do mau agoiro...

Paris, 15 de janeiro de 1915.

BELTRAND DE MONTROSE



Folhas soltas

O 2.º poema symphonico de João Arroyo

João Arroyo tem em o nosso meio musical um nome respeitado que somente se conquista pelo talento e estudo.

Quando João Arroyo apresentou em S. Carlos a sua opera *Amor de Perdición*, baseada no romance tão notavel de Camillo, os jornaes pela critica e o publico pelas continuas ovações receberam a obra portugueza com o devido apreço.

O illustre compositor passando para o drama lyrico o mesmo romance que D. João da Camara poz no theatro dramatico, viera traduzir pela grande arte dos sons, essa paixão ardente, esse amor tão portuguez, tão verdadeiro!

João Arroyo, após esta opera trabalhou e completou outra opera *D. Leonor Telles* que ouviremos decerto quando houver outra vez S. Carlos, o que equivale a dizer, d'aqui a alguns annos, pois não vejo meio de se poder arranjar uma empresa disposta a perder dinheiro.

Depois d'este trabalho tem-se dedicado a trabalhos orchestraes, e assim já ouvimos o seu *Primeiro poema sympho-*

nico e agora ha dias outro *poema* que foi executado pela orchestra de David de Souza no theatro Polyteama.

O 2.º *poema* que ouvimos agora dividiu-o o auctor em tres partes: 1) *Recit dramatique*, 2) *La grace consolatrice*, 3) *Révolte et apaisement*.

Como trabalho de orchestra João Arroyo mais uma vez se revela um profundo conhecedor, mas se dissessemos que nos agradou inteiramente faltavamos á verdade.

O primeiro tempo possui phrases admiraveis de grandeza dramatico, mas achamos o final demasiado debil. Do 2.º tempo não gostamos, embora a instrumentação seja cuidada nada nos diz em relação ao nome com que o auctor baptisou o tempo do *poema*. O 3.º tempo, é o melhor da obra, toda a orchestra nos pinta luctas intimas, e tanto a corda, a madeira como os metaes, estão trabalhados por mão de mestre. Este tempo possui phrases de grande tenção, bellas paginas que traduzem muito bem a *revolta* e o final é bem conduzido formando um completo contraste.

Emquanto á execução devo dizer duas linhas. O *Poema* é difficil, e com poucos ensaios não se poderia esperar uma execução completa; fizeram a diligencia já não é de todo mau...

ALFREDO PINTO (SACAVEM)



PINHEIRO DAS SETE CRUZES.—Arvore secular, de grandes dimensões existente nos arredores do Porto, perto de Verjada. (Fotog. do sr. Manuel Pereira Granja).

Arvores Nacionaes

O Pinheiro das Sete Cruzes

Na estrada nacional n.º 10 — Porto — Lisboa a 19 Kilometros do Porto, perto da Verjada freguesia de Mozellos, Vila da Feira, existe um belo exemplar de *Pinus Maritima* que é venerado como uma preciosa reliquia, pelos povos d'aqueles sitios e limitrofes.

É uma arvore de grandes dimensões, e o porte é diferente das que por aqui abundam, e deve ter mais de 200 annos.

Em 11 de Maio de 1811, foram enforcados, no Pinheiro das Sete Cruzes, pelos soldados da invasão franceza, o padre João de Sá da Rocha, seu irmão Manuel da Rocha e outros, entre os quaes um de Olivães, freguesia de Nogueira da Regedoura, conhecido pelo nome ou alcunha de *Catafula*. Este foi considerado como denunciante e isso mesmo lhe acarretou a desconfiança dos francezes.

Não admira, que entre portuguezes, «traidores houve algumas vezes».

Os francezes deixaram-nos lá dependurados por cordas, e passados oito dias passaram novamente pelo pinheiro, e vendo, que os justicados ainda lá estavam, cortaram as cordas deixando-os ficar no chão. Mais tarde foram sepultados no cemiterio de Mozellos.

Entre o povo corria, em tempo, uma lenda que se algum cortasse lenha do Pinheiro, este deitava sangue em vez de resina. Será talvez por causa d'sta lenda que ninguem lhe toca, os temporaes vão-se encarregando de lhe deitar as rameiras abaixo.

Perto do Pinheiro á face da estrada, existe uma capelinha mandada construir em 1885 pelos parentes dos enforcados, dentro tem um painel onde se veem os enforcados dependurados no Pinheiro, padres, soldados e officiaes a cavallo,

mas muito mal pintados. Esse painel tem o seguinte epitáfio:

«Aqui foram mortos pelos francezes a 11 de Maio de 1811 o reverendo padre João de Sá da Rocha, seu irmão Manuel e outros, nascidos no lugar de Esmojães, da freguesia de Anta.

«Vós que tendes sentimentos»

«Lembraí-vos dos nossos tormentos ;»

«Vós que por aqui passaes»

«Lembraí-vos de nos cada vez mais»

Por gratidão de sua sobrinha Francisca Alves de Sá Oliveira, do lugar da Idanha, freguesia de Anta»

O atual proprietario do Pinheiro das Sete Cruzes é o sr. Jacinto de Figueiredo. Consta também que uma vedeta franceza fôra morta proximo do Pinheiro, e a execução dos portuguezes, fôra uma represalia para apavorar as povoações vizinhas. Seja como fôr, é uma arvore de grande valor historico digna de figurar no catalogo das Arvores Nacionaes.

A varios amigos e quem me dirigi e que me deram gentilmente varias informações e os clichés fotograficos, os meus agradecimentos.

Perosinho Janeiro 1915

ALBANO MOREIRA DA SILVA

Cartas para a nossa terra

Rio, 31-12-914

A' meia noite.

Mais um anno se despenhou no abismo irsondavel dos tempos. Ao ajuste de contas, que, nesta hora solemne, faço com o passado, não presidiu o minimo resentimento... Com o espirito, embuido no stoicismo dos philosophos da antiga escola, encaro as situações, como elas realmente se apresentam, quer os ventos soprem borrascos, quer deslisem em calmaria.

No mar encapelado da vida arrastei sempre, com coragem, as dôres mais pungentes e atrozes... dôres agudas que ferem e extenuam.

E, quando as contrariedades eram maiores e invenciveis, mais frio e calmo foi o meu sentir. Por isso, quando todos cobrem de improperios o anno findo eu não ti-e ainda para elle a minima censura... o mais pequeno gesto de desdem.

A guerra com tolos os horrôres vem ensanguentar uma a uma as paginas da historia.

O coração do homem acostumado á brandura, propenso naturalmente ao bem, por vezes, em meio do seu desvairamento, n'uma ancia louca

de gloria, entre o morrer ou vencer, tem mostrado entranhas de fôra, instinctos de maldade e destruição.

E as rajadas inclementes do philosophismo revolucionario, avassalaram o mundo, porque no orgulho da humanidade encontraram um largo campo para germinarem e se estenderem.

As deusas da felicidade que outrôra se tinham sentado nos banquetes dos reis, desapareceram, com rumo ignorado e hoje os festins se cometeram nas medonhas carnificinas dos campos de batalha.

O progresso, as artes e as industrias, paraly-saram, quando o silvo das fabricas chamaram os operarios para os circulos de combate, onde á semelhança dos antigos gladiadores de Roma, se jogavam deante do publico sanguinario as cartadas da vida.

Portugal, a minha patria estremecida, já teve tambem o seu baptismo de sangue.

A' sombra dos palmeirae de Africa, repousam na quietidade e immobilitade da morte, alguns dos seus mais queridos filhos, que, na hora extrema ao soltarem o ultimo gemido, enviando o adeus derradeiro, morreram, com a consciencia do cumprimento do dever.

Óxalá que, de ora em deante, os exercitos de



EM QUELUZ DE BAINO. — Festa infantil realisada entusiasticamente com a assistencia de grande numero de pessoas, no Centro Escolar Republicano dr. Bernardino Machado.

(Fotog. do sr. Francisco José da Costa)

Portugal, de tantas e tão gloriosas tradições, enveredem pela caminho da gloria.

E' esta a mais sancta aspiração e o maior prazer da minha alma.

Hoje fico por aqui: N'um dos ultimos numeros desta revista, uma das minhas cartas, quasi sempre escriptas á pressa, a minha pessima calligrafia põe em apuros serios o pessoal da typografia.

Muitas gralhas têm sahido, mas esta é tão grande, que desandou n'uma ofensa, que dou pressa em fazer desaparecer.

Eu tinha escripto: E' vós donselas da cidade que tendes uma instrução bem cuidada...

Eles, porem, trocaram o bem cuidado, em sem cuidados, e d'ahi todo o estropiamento do periodo que, sem eu querer, feria as minhas patricias, cuja instrução esmerada eu sou o primeiro a exaltar.

ANTONIO CRAVO.



Liros Novos

Nevroses do Sul

por Santos Luz

Com o titulo que encima estas linhas, acaba de nos ser enviado com uma amavel dedicatória, mais um lindo livro de versos de que é auctor o nosso querido amigo Santos Luz, poeta a que já temos alludido com o louvor que merece.

A epigrapha que usa no seu *Nevroses do Sul* e

que é subscripta por Gabriel d'Annunzio está bem a caracter com a indole poetica de Santos Luz.

Santos Luz é um inspirado poeta que faz vibrar com arte a corda de sentimento, sem esforço, com a maxima naturalidade. Os poetas tristes são raros.

Não o querendo entleirar, entre os nephelibatás, ao lado de Antonio Nobre, nem entre os descrentes da vida, como José Duro, o que é fôra de toda a duvida é que Santos Luz é um poeta de raro merecimento e de extrema modestia.

Agradecendo a dupla amabilidade na oferta dos exemplares que nos enviou e com a a produção *Horas tristes* — que é dedicada ao auctor d'esta pequena referencia — cumpre-nos dizer que a edição é da livraria Ventura Abrantes, e é muito bonita.

Como fecho d'esta noticia, transcrevemos aqui a produção *Triste Bernardim* certos de que os nossos leitores não se arrependirão da sua leitura:

Menino e môço um dia me levaram
De casa de meus pais p'ra longes terras,
Aonde altissimas e verdes serras
As forças primitivas levantaram.

As fontes dos meus olhos se escoaram...
(Presentimento de indomaveis guerras
Em que hoje, ó coração, inda te encerras,
Porque as sóidades nunca te deixaram).

Que inferno de viver me tem prostrado!
Que imorreitoras mágoas, dia a dia,
Cobrem meu coração desengano!

Serra de Sintra... dôce paz sombria...
Ando na minha terra desterrado...
Nunca eu visse este Sól que me alumia!...

XVIII-I-DMXV.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.



ROMANCE

M Dellyne

A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

(Continuado do numero antecedente)

Karaly recebeu-a com enormes transportes de alegria. O seu rosto talvez mais palido, traduzia muita alegria.

— Oh! minha boa Myrto não calcula, o que eu chorei esta noite! O papá estava hontem tão zangado! Sabe, papá deu ordem para vir todos os dias, mas sómente até ás quatro horas.

Até ás quatro horas... quer dizer um

pouco antes da chegada d'elle. Era bem claro que não queria encontrar-se com Myrto.

Depois da scena da vespera um encontro seria em extremo desagradavel.

A condessa e as filhas quando Myrto, ao almoço, disse que estivera com o filho do principe, ficaram muito admiradas!

— Myrto tem sorte! disse Irene, e Karaly gosta bem de si; o que eu temo é o terrivel inverno, accrescentou olhando para a mãe e para a irmã.

Estas inclinaram a cabeça e Terka murmurou:

— Não podemos nada, Irene.

— Isso agora... veremos, disse a mais velha furiosa.

A vida para Myrto recomeçava como antes, com tres horas de liberdade por dia. Empregava-as passeiando pelo campo, visitando os arredores do palacio, e algumas familias pobres. Para Myrto, era uma coisa muito desagradavel não poder consolar todas as miserias que via. O principe Milcza não conhecia bem, esta pobre gente que vivia nos seus dominios. Como poderia espalhar o bem se elle quizesse... preferiu antes espalhar um despotismo intoleravel.

Um dia, depois do almoço Myrto voltando d'uma miseravel aldeia, encontrou o padre Joaldy, de volta tambem d'uma visita de caridade. Fallando d'aquella gente que acabára de ver, voltaram ambos para o castello.

— Oh! meu padre, que miseria! disse com voz tremula, Myrto. Se fallasse ao principe elle não daria dinheiro a esta gente?!

— Elle dá-me cada anno uma somma importante para os meus pobres, fóra d'ahi não me atrevo a fallar em nada... pobre principe! disse elle com uma voz cheia de emoção.

— Tem um coração duro, insuportavel! disse Myrto n'um momento de revolta.

— O seu coração ficou assim apoz a sua cruel desillusão: Mas eu, minha filha, conheci-o inteiramente outro. Na época da sua primeira communhão era um ser de alma delicada e amorosa, um pouco orgulhoso e voluntario já, mas era encantador. Mais tarde lançado em um meio mundano, sob uma apparencia sceptica, recebia no coração todos os males da sociedade. Faria todos os votos para que elle viesse a encontrar uma senhora christã e séria que soubesse guardar essa alma ameaçada de fugir de vez para o mal. Mas... encontrou essa creatura terrivel... com um coração como o seu, a desillusão seria horrivel. O ultimo acto d'esta creatura, que poderia custar a perda do filho, fez nascer no principe um desprezo pela humanidade. O principe, pôde crer, é um doente moral. Apenas se salvaria se voltasse para a fé.

O padre e Myrto andaram alguns passos silenciosamente. Joaldy perguntou então:

— O pequeno Miklas voltou novamente para junto de Karaly?

— Ainda não! Karaly chegou a pedir mas o principe disse logo que não. Um homem assim, meu padre, não pôde ser bom.

— Pois pôde crer, Myrto, Está doente moralmente. Os seus antigos sentimentos encontram-se adormecidos; todos os

dias peço a Deus que elle venha a ser outro, que a sua alma se illumine.

— Então é devido ao seu novo genio que se pôde attribuir a frieza com que trata sua mãe, seu irmão, suas irmãs?

— Certamente. E' necessario que pense, Myrto, que a condessa Giselia nunca teve nenhuma auctoridade sobre seu filho, conhecendo o até bem pouco. Devido ao seu primeiro marido o principe Segismundo, ella nunca teve nenhuns direitos sobre a creança, que seu pae, natureza ardente, desejava educar sósinho. Quando elle morreu a tutela do jovem principe foi confiada ao principe André Milcza seu tio que idolatrava o pequeno, a ponto tal que fez d'elle um soberano absoluto. A voz da mãe não se ouvia, e o pequeno assim foi creado, com um caracter de independencia demasiada. Depois o seu casamento infeliz ainda veio concorrer mais para o seu genio se modificar. Se tivesse encontrado uma familia com menos amor pelas coisas mundanas...

— Talvez, sim; mas como veio a ideia á condessa de viver uma parte do anno em Voraczy?

— Por causa de Karaly, unicamente. Esta estada aqui é para Karaly, um bem estar para a sua saude. Este anno é somente a menina, que fez esse bem estar. Não é Myrto, Buhocz que vem acolá ao longe?

— E' sim, meu padre.

Era com effeito Casimiro Buhocz. Quando se aproximou, tirando o chapéu, disse a Joaldy:

— Trago uma noticia má meu padre.

— Então o que é?! disse Joaldy, atemorizado.

Zingaras, á volta do Oriente, trouxeram aqui os germens d'uma especie de variola que ataca com preferencia as pessoas adultas, e as creanças, mas estas quando são fortes escapam quasi sempre.

— Mas nada sabia d'isso!

— Os zingaros têm occultado, mas um homem da aldeia de Lohacz já está atacado. Esta noite já toda a gente o saberá. Fui a Voraczy preveni o principe, afim de dar as ordens necessarias.

Dizendo estas palavras, retirou-se apressado.

— Uma epidemia assim é muito perigosa para esta pobre gente, disse o padre Joaldy com dolorosa emoção. Será necessario acabar com as suas visitas de caridade.

— Sim, por causa de Karaly... como o principe Milcza ficará!

— Oh! as pessoas do castello nada terão a temer, o principe tomará as suas medidas, aliás severas, de modo que ninguem entre sem ser desinfetado. O pequeno estará bem fóra do perigo.

Quando Myrto entrou no castello foi mudar de vestido e desceu para ir ao salão onde estava a condessa e as filhas. Na escada encontrou Terka e Mitzi.

— Já sabe, disse a mais velha, que estamos ameaçadas de uma horrivel epidemia?

— Sei, o padre Joaldy e eu encontramos no caminho, ha pouco, Buhocz que nos deu tão desgraçada noticia.

— Aqui nada haverá, o principe Milcza vae tomar medidas rigorosas. Serão uma grande massada para nós, mas antes isso que a tal doença.

Todas tomaram a direcção do salão;

a condessa e Irene inclinadas sobre um jornal, levantaram a cabeça quando ellas entraram.

— Olha, Terka, lê isto, disse a condessa entregando-lhe um jornal, um horrivel incendio no theatro de Boston, entre as victimas Burnett, Alexandra Oulanssof...

Terka apertou a folha do jornal, ao passo que Myrto penetrada de tristeza christã, orou pela desgraçada que desertára de todos os seus deveres e que uma triste morte acabava de a roubar á vida.

— O principe não o saberá?

Elle lê por alto os jornaes e é necessario que ninguem falle sobre o assumpto.

— Que elle saiba ou não, penso que não ha motivo para receios, disse Irene.

Não é o principe tal como agora o conhecemos que pensará em casar-se!

IX

A epidemia alastrava-se sobre as aldeias nos arredores de Voraczy, e com violencia nas casas pobres, onde os principios de limpeza são totalmente desconhecidos. Já se contavam bastantes casos fataes, mas em Voraczy, o principe dera ordens tão rigorosas que o primitivo receio tinha se dissipado um pouco.

As portas e os muros do parque estavam guardadas por bastantes guardas, as cartas desinfetadas e ninguem poderia sair do parque, ordem rigorosa! O padre Joaldy não sahia do castello, nem Myrto pôde continuar as visitas de caridade.

Karaly cada vez estava mais ligado a Myrto, quando esta se retirava era sempre para a creança uns momentos de tristeza.

— Fique, mais um pouco, Myrto, o papa não se imporia.

Mas Myrto tinha pouca vontade de se encontrar na presença do principe.

Os dias passavam-se ainda mais tristes, como o castello não era visitado por nenhuma pessoa, as senhoras encontravam-se, aborrecidas. Myrto, tocava, Terka, tambem, os outros liam e os pequenos brincavam sósinhos.

Uma noite Myrto tocára muito bem, Terka dedicára-se ás *sonatas* de Beethoven, Irene á muzica moderna, o que fazia sempre mal aos nervos de Myrto. No fim do serão, quando Myrto já no seu quarto, arranjava o cabello antes de se deitar ouviu bater com violencia a sua porta. Era Thylda muito aflita.

— Menina Myrto, o princepesinho.

— O que tem?!

— Está doente, julgo que será a tal doença...

— Oh! meu Deus! mas não me disse nada! Até estava alegre?!

— Ha somente uma hora, está sempre a chamar pela menina...

— Eu já vou lá ter, pobre Karaly!

Mesmo como estava, sem estar penteada, foi logo ter com o pequeno.

Encontrou a condessa que se dirigia para o quarto de seu filho.

— Myrto, o que será?! Será outra doença?

— Deus o queira, disse Myrto, Ambas entraram no quarto junto do aposento onde estava Karaly.

(Continua)

Pelos Teatros

Ginasio

A *sopa no mel* é mais uma engraçada comédia a juntar ao já elevado numero de peças de grande successo que tem subido á scena n'este elegante teatro.

É original de Paul Gavarnet, o habil e feliz autor de *A Menina do Chocolate* que tão brilhante exito alcançou na epoca passada, e foi traduzido pelo nosso colega na imprensa Mello Barreto.

O primeiro acto apresenta-nos scenas da vida bohemio parisiense com situações interessantissimas que por vezes arrancam ao publico que todas as noites enche o teatro, francas gargalhadas.

As varias peripecias que se succedem no decorrer do segundo e terceiro actos n'um crescendo de graça e entusiasmo despertam o maior interesse e curiosidade.

Emfim, é peça que merece ser vista e que promete grande numero de representações.

A mise-en-scène de Maria Matos é bem cuidada, e o scenario é bom.

O desempenho por parte dos artistas satisfaz cabalmente, merecendo-nos espezias referencias Maria Matos, Alda Aguiar, Zulmira Ramos, Mendonça de Carvalho, Joaquim Almeida, Alegrim e Cardoso que nos finaes dos actos são imensamente applaudidos.

Eden Teatro

Com enchentes consecutivas tem-se representado n'este teatro a formosissima opereta americana *A Rainha do Animatografo* que pelo seu originalissimo entrecho se toma absolutamente diferente de todas as peças do seu género.

A interpretação dada á famosa peça é realmente merecedora dos entusiasticos aplausos de que são alvos os artistas a quem são confiados os principaes papeis, salientando-se Cremilda

d'Oliveira que na protagonista tem uma bella criação artistica.

José Ricardo, Amarante e Almeida Cruz imprimem ás respectivas personagens que representam um grande relêvo comico.

A musica é deliciosa destacando-se de entre todos os numeros, pela sua beleza e encanto, As

4 actos, original de Veber e Gorsse, e tradução de Luiz Palmeirim e A. Abranches.

Apesar de já contar cerca de 60 representações, em nada afrouxou o interesse desta graciosissima peça que todas as noites atrae a esta vastissima sala de espectaculos numerozo publico, a ponto de muitas vezes se esgotarem os bilhetes.

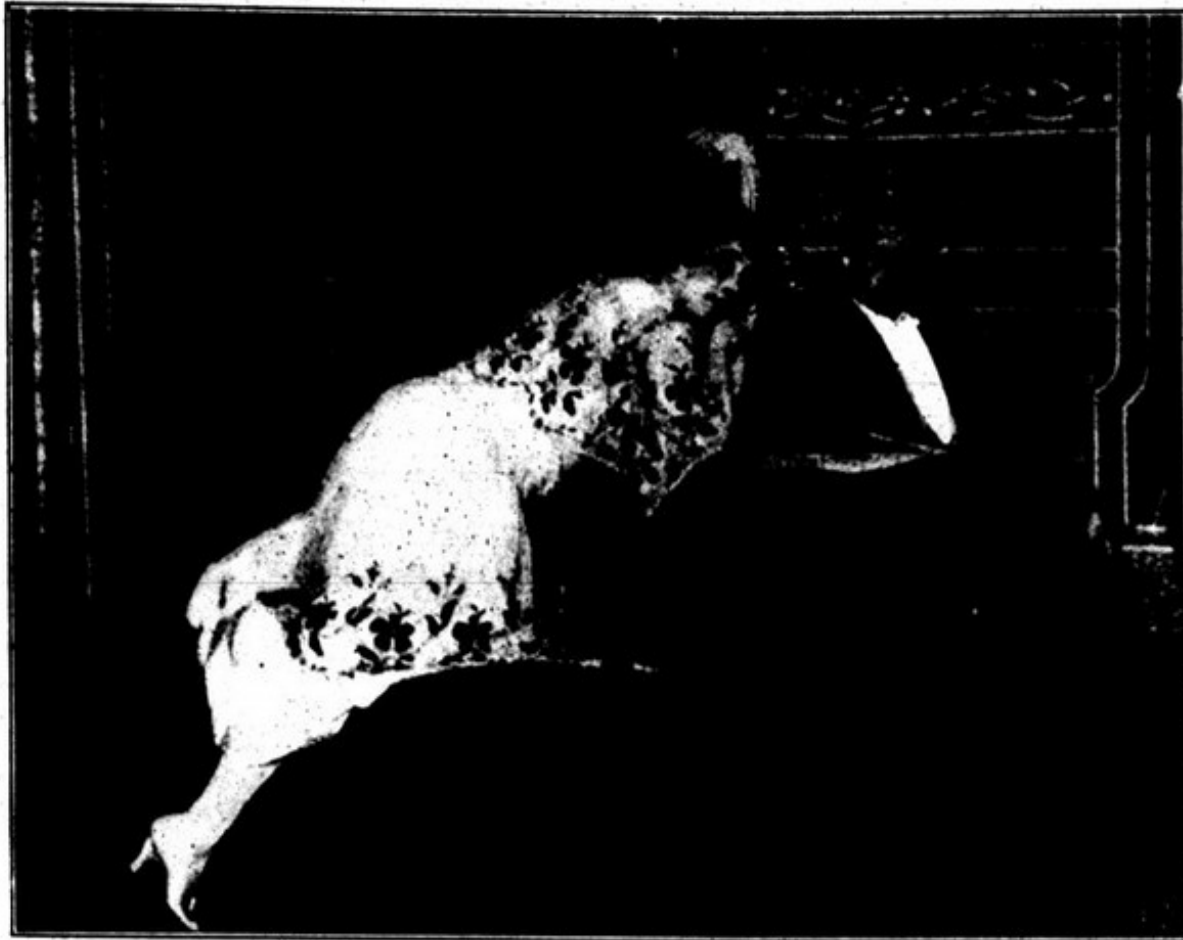
Por aqui se pode deprender de quão extraordinario é o valor que a torna tão apreciada.

O papel de garota é magnificamente desempenhada por Aura Abranches que nele conseguiu incarnar-se numa forma admiravel, revelando-se uma artista de grande merecimento, a quem sem duvida está reservada uma carreira triumphal.

Na parte final do segundo acto tem a gentil actriz uma scena dum trabalho artistico verdadeiramente magistral e que chega a arrebatrar a plateia.

Do desempenho dos restantes artistas, Adelina Abranches, Alexandre de Azevedo, Sousa Abranches, Sacramento, não se pôde exigir mais.

O scenario é de bom gosto e a mise-en-scene de Sacramento muito bem ordenada.



Teatro do Ginasio — «SOPA NO MEL» SCENA DO ACTO I — ALDA AGUIAR E MARIO DUARTE

Estrelas Orientaes e a *Canção da Meia Noite* que já adquiriu fóros de popularidade.

O guarda-roupa é luxuoso e a encenação de grande aparato.

Quem ainda não admirou esta interessantissima peça deve aproveitar quanto antes, pois que brevemente desaparecerá do cartaz para dar lugar á nova opereta já em ensaios e intitulada *Sol de inverno*.

Politeama

Um dos maiores successos teatraes da presente epoca é inegavelmente «A Garota», peça em

Agradecemos as ofertas dos livros e folhetos seguintes:

Sentido do Humanismo, por José Hippolyto Raposo, Livraria França-Amado, Coimbra.

Concessões de serviços publicos, Sua natureza juridica, por João Maria Tello de Magalhães Collaço. Imprensa da Universidade, Coimbra.

Livro de Helena, Biblioteca Infantil, Guimarães & C. Editores, Lisboa.

Reissurreição, poemeto, por Bento Caeiro, Livraria Brasileira de Monteiro & C., Lisboa.

Portugal na Guerra Europa (ao Imperadôr da Allemanha), poemeto, por Armando d'Araujo, Lisboa.

Publicações

Instituto Branco Rodrigues

UM CEGO DE NASCENÇA QUE ADQUIRE VISTA

Recebemos do Instituto de Cegos Branco Rodrigues uma notificação gratissima que muito sensivelmente nos comoveu. Apressamo-nos a dar-lhe a maior publicidade, de tal modo que sejam de todos reconhecidas as belas qualidades de coração do sr. Branco Rodrigues — fundador magnânimo do Instituto e apreciado com justiça o superior criterio que preside a essa casa de benemerencia e instrução.

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, aceitando o oferecimento que o sr. Branco Rodrigues lhe fez para admitir na sua instituição duas crianças cegas, filhas de empregados da Companhia, aproveitou esse oferecimento para o menor de 8 anos, José Maria Carvalho, filho do assentador da via ferrea Antonio Carvalho e de Emilia Barroca, guarda da linha, em Marinha das Ondas, concelho de Figueira da Foz.

Esta criança, antes de dar entrada no Instituto de Cegos, foi examinada pelo sr. dr. Gama Pinto, como são todos os candidatos a alunos desta instituição.

Pelo facto de sofrer de cataracta congenita,

ficou internada durante dois meses, no Instituto de Oftalmologia, onde foi operada com tanto exito, que conseguiu obter vista.

Depois de sair do Instituto de Oftalmologia, foi apresentada pelo fundador do Instituto dos Cegos, ao sr. Melo e Sousa, presidente do concelho da Administração da Companhia dos Caminhos de Ferro, que felicitou muito o sr. Branco Rodrigues, pelo brilhante resultado obtido.

Como a criança é de fraca compleição vai agora para a sede do Instituto de Cegos, no Estoril, que é um verdadeiro Sanatorio, afim de adquirir forças, e ao mesmo tempo receber instrução ministrada naquele estabelecimento.

Será o primeiro discipulo com vista que as professoras cegas vão ensinar e que apresentará a exame de instrução primaria.

Além d'isto a utilidade e altos sentimentos da santa instituição fundada pelo sr. Branco Rodrigues, ainda são comprovados á evidencia, e atestados por muitos outros factos.

A benemerita Sociedade da Cruz Vermelha dirigiu ao fundador do Instituto de Cegos o sr. Branco Rodrigues, o seguinte officio:

«Temos a honra de acusar a recepção do officio que V. se dignou dirigir-nos em data de hoje, acompanhando o generoso e patriotico doativo de artefactos do malha, manufacturados pelas distintas professoras cegas e que foram destinados a seguir com a ambulancia da Cruz Vermelha que acompanha o corpo expedicionario ao Sul de Angola.

Incumbe-nos o Ex.^{mo} Presidente desta sociedade a honra de apresentar a V. os protestos do mais profundo agradecimento e bem assim ás dignas professoras que tão humanitariamente contribuíram para o bem dos Soldados portuguezes.

Digne-se V. aceitar a expressão da nossa consideração a mais segura.

Pela Sociedade da Cruz Vermelha,

O Secretario Geral,

G. Santos Ferreira

Lisboa 20 de janeiro de 1915.

GRANDE MARCENARIA MODERNA

RUA DE S. LAZARO, 80

LISBOA

Executa toda a qualidade de mobiliario, desde os modelos communs e ligeiros, até aos mais luxuosos. Especialidade em obras de talha de todo o genero: **tectos, lambris, arcos, portaen,** etc., etc. Esta fabrica, dispõe de elementos para concorrer em preços com toda e qualquer outra, porque os seus machinismos representam a ultima palavra nos progressos d'esta industria, e reduzem muitissimo a mão de obra.

DEPOSITO

Elysio Santos & C.^a L.^{da}

83, Rua Augusta, 93 -- LISBOA

TIPOGRAFIA CESAR PILOTO

11 e 12 - Largo de S. Roque - 11 e 12

* * * * * LISBOA * * * * *

Trabalhos em todos os generos, simples e de luxo. Pontualidade, perfeição e preços moderados. * *



Preparado Carlos Pimentel

que
por completo
tira a caspa
e
evita a queda do cabelo

Lotion

Marie Louise
(Registada)

Deposito Geral

RETROZARIA IRMÃOS DAVID

Rua Garrett, 112-118

LISBOA

Especialista de doenças da boca e dentes
Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica
de Lisboa

DENTISTA DA COOPERATIVA MILITAR

Tratamentos especiaes para senhoras e creanças,
dentes artificiaes etc.

Desinfeção meticulosa de todo o material operatorio

HONORARIOS MODICOS

Rua Garrett, 36. 1.º (frente para a R. Ivens)

Confeitaria do Calhariz

de ALFREDO SA & C.^{ta}

2, LARGO DO CALHARIZ, 3

Telephone: Central 1242

Secção de pastelaria - Licôres nacionaes e estrangeiros

- Vinhos finos e cognacs - Esmerado fabrico

em todos os artigos de confeitaria

= Lampreias e doces de todas as qualidades.

Especialidade em chá e café

Fornece lanches para casamentos, baptizados e solrêes

Dans Les "Fleurs,"

São os perfumes da moda

PEDIR EM TODA A PARTE

Capas especiaes em percalina castanha e letras a ouro

para

Encadernação do OCCIDENTE

Fornecem-se capas para todos os annos desta revista ao preço de 800 réis cada

Capa e encadernação 15200 réis

Pelo correio, franco de porte

Cacau, Cakula e Chocolate Iniguez

Vende-se em toda a parte

BOMBONS e NOUGAT da FABRICA INIGUEZ

Kilo 1,500 réis



Os bombons da Fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE - CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia.

Pacote de 500 grammas 600 réis

Estabelecimento de Ferragens DE Salvador Alves Barata

Rua da Boavista, 86 - LISBOA

(Em frente do Boqueirão do Gáz) Telephone n.º 3117

Tornos de bancada, folles para forjas, cavaletes, limas, bigornas para funileiro, martellos, tubos de cumbo, dito em chapa, em barra, zinco em chapa, arame de chumbo, latão, cobre, ferro zincado, estanho em barrinha, cadinhos americanos para fundição, serras circulares sem fim, etc., etc.

PREÇOS REUNIDOS



GRAND PRIX

O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-Londres 1904

Xarope Peitoral James

Premiado com medalhas de ouro nas exposições: Lisboa 1898,

Paris 1889, Belem 1893,

Lyon 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1906, etc.

Merito contra todas as afeções dos orgãos respiratorios, taes como: tosse, rehdas ou convulsas, ataques asmaticos, bronquites agudas ou crônicas. Legalmente autorizado pelo Conselho de Hauda Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Hygiene dos E. U. do Brasil.

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

Deposito Geral: FARMACIA FRANCO, FILHOS

PEDRO FRANCO & C.^a

Rua de Belem, 147 - LISBOA